

Edição v. 38  
número 3 / 2019

Contracampo e-ISSN 2238-2577  
Niterói (RJ), 38 (3)  
dez/2019-mar/2020

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

## DA GUERRA AO IRAQUE À PRIMAVERA ÁRABE: Mídias digitais e ativismo transnacional

## FROM THE WAR AGAINST IRAQ TO ARAB SPRING: Digital media and transnational activism

### VIVIAN MANNHEIMER

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: vmannheimer@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4072-8755.

### ARTHUR ITUASSU

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.. E-mail: ituassu@puc-rio.br. ORCID: 0000-0003-4781-1946.

### LETICIA CAPONE

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.. E-mail: leticiacapone@gmail.com. ORCID: 0000-0003-3134-6701.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MANNHEIMER, Vivian; ITUASSU, Arthur; CAPONE, Leticia. DA GUERRA AO IRAQUE À PRIMAVERA ÁRABE: Mídias digitais e ativismo transnacional. Contracampo, Niterói, v. 38, n.3, p. 94-109, dez./mar. 2019.

**Enviado em: 04/11/2018. Revisor A: 03/02/2019; Revisor B: 25/04/2019; Revisor C: 01/07/2019; Revisor C: 12/08/2019. Aceito em: 12/08/2019.**

**DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v38i3.27239>**

## Resumo

O objetivo desta pesquisa é identificar os principais atores de dois episódios recentes do ativismo transnacional e o papel das mídias digitais para protestos. A partir de uma revisão de literatura serão estudados dois casos emblemáticos: os protestos coordenados de 15 fevereiro de 2003 contra a iminente Guerra ao Iraque e as manifestações de 2011 no Egito, no contexto da Primavera Árabe. Serão trabalhadas as seguintes questões nos casos estudados: 1) Quem são os principais ativistas nesses dois contextos? 2) Por que trata-se de eventos transnacionais? 3) De que forma as mídias digitais são utilizadas?

### Palavras-chave

Ativismo Transnacional; Mídias Digitais; Primavera Árabe; Guerra ao Iraque.

## Abstract

This is research aims at identifying the actors of contemporary transnational activism and the role of digital media for protests. Based on a literature review, two emblematic cases of transnational activism will be analyzed: the coordinated protests of 15 February 2003 against Iraq War; and the 2011 demonstrations in Egypt in the context of Arab Spring. The following questions will be explored in this literature review: 1) Who are the main actors behind these protests? 3) What makes these movements transnational? 2) How did they use social media?

### Keywords

Transnational Activism; Digital Media; Arab Spring; Anti-War Protests.

## Introdução

Já são muitos os estudos que abordam a relação entre ativismo e mídias digitais (BENNET; SERGERBERG, 2011; FARREL, 2012; CASTELLS, 2013; GERBAUDO, 2012; MARICHAL, 2013; HALUPKA, 2016; PRUDÊNCIO; KLEINA, 2017). Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar o ativismo concentrando-se em seus atores, utilização de mídias digitais e alcance transnacional. Para isso, será feito um estudo de caso de dois episódios bastante citados na literatura: os protestos simultâneos de 15 de fevereiro contra a Guerra ao Iraque (DELLA PORTA; TARROW, 2005; RUCHT; WALGRAVE, 2010; HABERMAS, 2006); e o levante popular no Egito culminando com a renúncia de Mubarak, em 11 de fevereiro de 2011 (CASTELLS, 2013; GERBAUDO, 2012; HOWARD; HUSSEIN, 2013), no contexto da Primavera Árabe.

Embora o objetivo não seja comparar os dois períodos, apresenta-se o desenvolvimento das mídias digitais e suas possíveis contribuições para o ativismo transnacional. O final dos anos 1990 e vinte anos depois são apontados pela literatura especializada como marcos do ativismo na era digital. O primeiro com uso intenso de sites e blogs e o segundo com o apoio de mídias como o Facebook, Twitter e Youtube (BENNET, 2005; PAPACHARISSI, 2009).

Em 15 de fevereiro de 2003, manifestantes foram às ruas em várias cidades do mundo para protestar contra George W. Bush e sua intenção de atacar o Iraque, em um evento coordenado de forma transnacional entre movimentos sociais. Em 2011, eclodiram protestos em países árabes que terminaram com a queda de ditadores na Tunísia, Egito e Líbia. Os dois casos, estudados a partir de trabalhos já realizados, foram analisados levando-se em conta os seguintes aspectos: 1) o perfil dos ativistas; 2) o que torna esses movimentos transnacionais; 3) a utilização das mídias digitais.

Na primeira parte deste trabalho revisaremos a literatura mais ampla sobre ativismo transnacional e internet. Na segunda, apresentaremos a metodologia e uma breve contextualização dos dois casos. Por fim, faremos a discussão, dividida nas três questões de pesquisa: os ativistas, o caráter transnacional e o papel das mídias digitais para o ativismo.

A partir dos textos e documentos selecionados é possível tecer algumas conclusões: as mídias digitais parecem ter possibilitado um ativismo individual, sem necessariamente organizações por trás; nota-se que apesar da dificuldade de se medir os efeitos políticos diretos causados por essas mídias, há impactos indiretos, como a produção de conteúdo próprio e a difusão de informação; no caso do Egito, diversas pesquisas empíricas mostram evidências de uma comunicação transnacional pelas mídias sociais, apesar dos baixos índices de acesso à internet e a essas mídias.

## Ativismo transnacional e mídias digitais: dos protestos contra a guerra ao Iraque às “revoluções do Twitter”

Nesta seção faremos uma breve revisão de literatura sobre ativismo transnacional (PAPACHARISSI, 2009; BENNET, 2005; NORRIS, 2001; GERBAUDO, 2012). Optou-se pelo enfoque em alguns aspectos, como exemplos do ativismo transnacional, o papel mais amplo das mídias sociais para o ativismo e as possibilidades geradas por essas mídias sociais para os chamados contrapúblicos, grupos em desvantagem de poder (DAHLBERG 2011).

Gerbaudo (2012 p. 2) divide o ativismo transnacional em dois momentos: os movimentos antiglobalização dos anos 1990 em que as mídias sociais estavam apenas no começo, e os protestos a partir de 2011, considerado pela Revista Time como o “Ano do Manifestante”.<sup>1</sup> O autor defende que houve uma mudança de direcionamento. Enquanto os movimentos antiglobalização seriam marcados pela ideia de uma minoria oprimida, expressa, por exemplo, nos discursos zapatistas, os movimentos ditos contemporâneos se detêm na ideia de que se trata de uma maioria pedindo mudanças, como se

pode ver em um slogan do movimento egípcio “we are one hand” ou no do Occupy, “somos os 99%” (GERBAUDO, 2012, p. 10). Pipa Norris (2001) lembra que movimentos globais de protesto existem muito antes da internet, como o movimento antinuclear da década de 1950, os protestos contra a Guerra do Vietnã da década de 1960 ou até mesmo os movimentos antiescravagistas e pró-sufrágio do século XIX.

Em uma pesquisa recente, Manuel Castells (2013) estuda uma série de movimentos, entre eles os protestos no Egito em 2011; as manifestações na Islândia no auge da crise econômica de 2008; os Indignados na Espanha; e o movimento Occupy Wall Street. O autor conclui que apesar de terem motivações muito diferentes, esses movimentos apresentam algumas características comuns, como a rejeição a partidos políticos e à mídia tradicional, a falta de uma liderança única e bem definida, além de forte uso das mídias sociais (CASTELLS, 2013). Bennett (2005) chama atenção para a questão de uma coordenação mais difusa nos movimentos contemporâneos da era digital, o que seria reflexo da própria tecnologia. O autor argumenta que esses movimentos têm uma tendência a unir grupos distintos com ideias diferentes, o que pode causar alguma confusão quanto ao objetivo do protesto. Dentro dessa visão, o ativismo em nome dos direitos humanos acaba se baseando em ideias de diversidade e justiça social, gerando um ambiente “mais relaxado”, que o autor chama de “relaxed framing” (BENNET, 2005, p. 205). Com uma abordagem mais sociológica, Castells (2013) estabelece alguns efeitos do uso das ferramentas da web nos movimentos sociais surgidos nas últimas décadas. A horizontalidade das redes, como explica o autor, favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de uma liderança formal.

Sobre os efeitos da comunicação digital no ativismo transnacional, uma pesquisa recente (PERON, 2016, p. 175-177) aponta para a ocorrência de cinco categorias: 1) estímulo à configuração da causa. Ou seja, o uso das mídias digitais para a formulação da questão e sua divulgação; 2) multiplicação do engajamento. Isto compreende a colaboração dos ativistas via mídias digitais para conseguir mais adeptos; 3) flexibilização da estrutura. Os movimentos passam a ser virtuais, sem a necessidade de uma sede física, o que confere aos movimentos a possibilidade de se transnacionalizarem; 4) instrumentalização do planejamento. Isso quer dizer que as ferramentas digitais podem ser usadas para que os ativistas tracem planos ou estratégias; 5) diversificação da ação (cibereventos, protestos online e ciberataques).

Uma visão mais pessimista, no entanto, alerta para o risco do chamado *slacktivism* [ativismo de sofá] (MOROZOV, 2011). Trata-se de um ativismo que traz conforto, mas nenhum impacto político ou social. Cria-se a ilusão de se estar fazendo algo significativo apenas por participar de um grupo do Facebook ou dar um *like* em alguma postagem.

As possibilidades que as mídias digitais oferecem para o ativismo, de acordo com Papacharissi (2009, p. 240-241), encaixam-se perfeitamente no modelo de contrapúblicos, em que os públicos menos favorecidos competem para ter voz dentro da esfera pública (FRASER, 2007, p. 116; PAPACHARISSI, 2009, p. 240; AVRITZER; COSTA, 2004). Couldry (2010) dedica-se especificamente a essa característica fundamental que define o ser humano: ter voz sobre algo. Oferecer voz a uma pluralidade de públicos seria, de acordo com o autor, crucial para a legitimidade das decisões de consequências internacionais, como a Guerra ao Iraque.<sup>2</sup>

Destacando a capacidade das mídias digitais de conectar e sustentar movimentos subversivos, Papacharissi (2009, p. 241) afirma que, em geral, os sites ou redes têm os seguintes objetivos: estabelecer a formação de um movimento, de uma identidade coletiva e mobilizar simpatizantes e organizações ligadas ao tema. Ao mesmo tempo, as mídias digitais também possibilitam um chamado “jornalismo cidadão”, que seria a produção de conteúdo independente, fora do jornalismo convencional (BRUNS, 2014). Castells (2008, p. 82) descreve o novo ambiente midiático como uma “*self mass-communication*”, na qual indivíduos teriam a possibilidade de transmitir imagens e mensagens para um público amplo. Entre as possíveis contribuições das mídias digitais para o ativismo estão a possibilidade de se definir causas, produzir conteúdo próprio e se internacionalizar. Ao mesmo tempo, são percebidas mudanças no ativismo

<sup>2</sup> Ver a entrevista de Luís Mauro Sá Martinho concedida para a Casa do Saber sobre o livro de Couldry (2010) em: <https://bit.ly/2JGmEZe>. Acesso em: 12 jul. 2019

apontadas como decorrentes das mídias digitais: uma liderança descentralizada, maior diversidade de pautas em protestos e maiores possibilidades de participação para públicos geralmente excluídos.

## Metodologia e casos estudados

Como fonte de observação para esse estudo de caso foram escolhidos dois episódios bastante citados na literatura sobre ativismo transnacional: os protestos simultâneos de 15 de fevereiro contra a Guerra ao Iraque (DELLA PORTA; TARROW, 2005; RUCHT; WALGRAVE, 2010; HABERMAS, 2006); e o levante no Egito no contexto da Primavera Árabe (CASTELLS, 2013; HOWARD; HUSSEIN, 2013). O objetivo da seção é apresentar a metodologia e fazer uma breve contextualização dos dois episódios escolhidos.

## Metodologia

Esta pesquisa foi feita com base em uma literatura já existente para os dois casos. Os termos foram buscados primeiro em inglês, supondo-se que a ocorrência seria maior, e depois em português. Sobre os protestos contra a Guerra ao Iraque, pesquisou-se “15 February 2003” no Google Acadêmico, que gerou 7.300 resultados. Como muitos deles não tinham a ver com o tema, foram adicionados termos como “anti-war protests”, com 461 resultados e “protests against Iraq war”, com 1010. O estudo mais completo que há sobre esse dia é uma compilação de pesquisas feitas simultaneamente por pesquisadores nos Estados Unidos e na Europa, organizado por Walgrave e Rucht (2010). Também foram encontradas inúmeras notícias de jornal, relatórios de ONGS (SIMONSON, 2003), um artigo de Habermas (2006) sobre os protestos dentro do contexto de uma opinião pública transnacional, além do documentário *We are Many* (2014).

No caso do levante do Egito, o processo foi semelhante, embora tenha sido encontrada uma quantidade maior de material e pesquisas empíricas. Buscou-se os termos “Egypt”, “Arab Spring” e “social media” no Google Acadêmico, com 99.500 ocorrências. O mesmo foi feito posteriormente em português com 1.960 resultados. Foi encontrada uma edição especial do *Journal of Communication* (WILSON; DUNN, 2011; COTTLE, 2011; LOTAN, 2011), além de pesquisas de campo (GERBAUDO, 2012; CASTELLS, 2013) e a autobiografia do executivo do Google apontado como uma figura influente na organização dos protestos no Egito (GHONIM, 2012).

Além de diversos editoriais, matérias e especiais de jornais, também foi identificado um projeto da Universidade de Washington, nos EUA, com a publicação de dois relatórios extensos sobre os acontecimentos (HOWARD, 2011; HOWARD; HUSSAIN, 2013). Feito o levantamento da bibliografia, tratou-se de identificar no material os trechos que trabalhassem as três questões de pesquisa: 1) os principais atores do ativismo digital nos dois episódios estudados; 2) as características transnacionais do ativismo; 3) a utilização das mídias digitais.

Sobre a metodologia proposta é preciso fazer algumas relativizações. É importante notar que este trabalho utiliza uma metodologia qualitativa de análise de caso, técnica de pesquisa que, para alguns, pode ser identificada como menos fidedigna ou intuitiva de observação (DUARTE, 2006, p. 215). No entanto, adota-se a ideia de Yin (2001, p. 32) de que, em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. A intenção aqui não é a de generalizar. E sim, a partir de uma revisão de literatura sobre os casos propostos, apresentar uma visão, uma narrativa, um recorte, sobre o ativismo transnacional, de modo que, devido a diferença de tempo entre os dois episódios, fosse possível fazer uma análise longitudinal.

## “Não em meu nome”: os protestos contra a Guerra do Iraque

Em 15 de fevereiro de 2003, milhões de pessoas em centenas de cidades foram para a rua com cartazes de *Not in my name*, *No blood for oil*, *The world says no to war* em uma ação coletiva e organizada contra a Guerra do Iraque. Foi reportado algum tipo de protesto em 600 cidades. Observa-se na literatura alguns superlativos, como o maior protesto da história da humanidade (WALGRAVE e RUCHT, 2010 p. 7), a maior manifestação desde a II Guerra Mundial (HABERMAS e DERRIDA, 2006 p. 40) ou ainda os maiores protestos nos Estados Unidos desde a Guerra do Vietnã (VERHLUST, 2010 p. 1).

Os esforços para a organização conjunta de um protesto começaram alguns meses antes da declaração formal de guerra. Depois de uma reunião em Barcelona, em 2002 a ideia ganhou força no primeiro Fórum Social Europeu realizado em novembro do mesmo ano em Florença, na Itália (VERHLUST, 2003 p. 9).

Figura 1 – Número Estimado De Manifestantes Por Cidade Em 15 de Fevereiro de 2003



Fonte: BBC News UK, 2003<sup>3</sup>

## We are all Khaled Said: os protestos no Egito em 2011

No final de 2010, eclodiram protestos em diversos países árabes que terminaram com a queda

<sup>3</sup> Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/2765215.stm>. Acesso em: 12 jul. 2019.

de Zine El Abidine Ben Ali na Tunísia, Hosni Mubarak no Egito e Muamar Kadafi na Líbia. As manifestações também chegaram à Síria, Argélia, Iraque, Jordânia, Omã e Iêmen. A Primavera Árabe, como ficou conhecida essa série de protestos, foi chamada ainda de revolução das mídias sociais, revolução do Facebook, revolução do Twitter, ou ainda revolução wiki (FARRELL, 2012; HOWARD, 2011; 2013; COTTLE, 2011). As reivindicações variavam, pediam o fim da corrupção, melhorias na qualidade de vida, mais emprego, liberdade política, democracia e direitos humanos (BEISSINGER et al., 2015). O “levante” egípcio começou alguns dias depois da derrubada do presidente tunisiano Ben Ali. Em 25 de janeiro de 2011, data que se tornaria uma das hashtags mais usadas no Twitter, milhares de egípcios foram para as ruas protestar contra a ditadura de Hosni Mubarak, no poder havia 30 anos. Após 18 dias de protestos, que tiveram como base a praça Tahrir no centro do Cairo, Mubarak renunciou ao cargo.

## Discussão

Aqui são apresentadas informações coletadas na literatura sobre o tema. Em cada subseção será discutida uma das três questões de pesquisa: 1) O perfil dos ativistas nesses dois contextos; 2) o papel das mídias digitais em ambos os episódios; 3) os elementos que tornam esses protestos transnacionais.

## De coalizões organizadas a ativistas “solitários”

Nesta subseção são identificados os principais atores que participaram desses dois episódios, especialmente, os que utilizaram as mídias sociais e atuaram de forma transnacional. De um modo geral, os dois casos contam com um papel ativo por parte de organizações da sociedade civil, mas no caso do Egito percebe-se ativistas que, de forma individual, se utilizam do Facebook, Twitter e Youtube para divulgar a causa e fazer denúncias.

Sobre os protestos contra a Guerra ao Iraque, as coalizões de movimentos sociais anti-guerra tiveram um papel central (SIMONSON, 2003). Entre elas, a coalizão *Win Without War* (WWW)<sup>4</sup> e a *United for Peace and Justice Coalition*,<sup>5</sup> nos Estados Unidos; a *Stop the War*,<sup>6</sup> no Reino Unido e a *Act Now to Stop War (ANSWER)*,<sup>7</sup> no âmbito internacional. A *Win Without War coalition* (WWW), formada em 2002 pelo ex-parlamentar norte-americano Tom Andrews diante das ameaças contra o Iraque, existe até hoje, opondo-se a qualquer interferência dos EUA no Oriente Médio, Afeganistão ou Iraque. No Reino Unido, a *Stop the War Coalition* (STWC) seria a mais conhecida e teve uma participação importante na organização dos protestos tanto na Inglaterra quanto em outros países da Europa (SIMONSON, 2003, p. 6).

Um amplo estudo de Walgrave e Rucht (2010) aplicou o mesmo questionário em oito países da Europa para comparar a ação de manifestantes no Reino Unido, Espanha, Itália, Holanda, Alemanha, Suíça e Bélgica. Quanto ao perfil do manifestante “médio”, nos oito países estudados, a pesquisa indica alta escolaridade, e uma participação bastante expressiva de mulheres e jovens (WALGRAVE; RUCHT, 2010 p. 265). Em uma análise sobre os participantes dos protestos de 15 de fevereiro, Bennett (2010) acredita que uma das características dos atores desse protesto seriam “identidades políticas complexas”. Por terem vários interesses e participarem de redes de diferentes reivindicações, esses indivíduos fariam a causa circular em comunidades diversas, o que não ocorria algumas décadas antes, em que os manifestantes eram mais concentrados em uma questão específica. Uma outra característica dos manifestantes apontada por alguns autores seria a grande quantidade de participantes sem experiência prévia em protestos ou

<sup>4</sup> Disponível em: <http://winwithoutwar.org/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.unitedforpeace.org/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.stopwar.org.uk/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.answercoalition.org/who\\_we\\_are](http://www.answercoalition.org/who_we_are). Acesso em: 12 jul. 2019.

relações com os movimentos sociais por trás da organização (TARROW; McADAM, 2005; BARKHAM, 2013).

Wall e Zahed (2012) sugerem que a comunicação política por meio de mídias participativas foi amplificada, lançando vozes individuais para redes maiores. O estudo acredita que o Youtube e outras mídias digitais foram usadas como ferramenta política para criar uma dissidência egípcia personalizada (WALL; ZAHED, 2012, p. 9). Uma figura sempre associada à articulação dos protestos pelo Facebook é Wael Ghonim.<sup>8</sup> Nascido em 1980 no Cairo, formou-se em engenharia elétrica e fez pós-graduação em uma universidade internacional. Trabalhou no Google como Gerente de Marketing para o Oriente Médio, cargo baseado em Dubai. Foi de lá que ao ver as fotos do corpo de Khaled Said, o jovem espancado pela polícia, Ghonim disse ter criado sozinho, e sem se identificar, a página *We are all Khaled Said*, (GHONIM, 2012).<sup>9</sup>

Uma outra ativista muito citada na mídia sobre a revolução no Egito é Asmaa Mafouz, uma jovem de 26 anos formada pela Universidade do Cairo e uma das fundadoras do Movimento 6 de Abril, criado em 2008 inicialmente para apoiar greves de trabalhadores do setor têxtil e que teve uma participação importante na convocação dos protestos contra o regime de Hosni Mubarak.<sup>10</sup> A ativista gravou dezenas de vídeos, sempre falando de perto para a câmera. Em um desses vídeos,<sup>11</sup> postado no Youtube em 18 de janeiro, ela dizia que iria para a Praça Tahrir no dia 25 lutar pelos seus direitos e pedia a todos que fizessem o mesmo. A ativista, que chegou a ser presa, foi indicada ao prêmio Nobel da Paz de 2011 (WALL; ZAHED, 2012).

GERBAUDO (2012) afirma que a maioria dos manifestantes morava nos bairros nobres, estudava em universidades internacionais e costuma viajar para a Europa e os Estados Unidos. Em uma pesquisa sobre os manifestantes no Egito, Beissinger et al. (2015) apontaram para o seguinte perfil: idade acima dos 30 anos e alta escolaridade. Quanto a ocupação, a mesma pesquisa concluiu que mais da metade dos manifestantes, 55%, pertenciam ao que o autor chamou de classe-média urbana: profissionais liberais, funcionários ou diretores de instituições, do setor público ou privado. Em uma pesquisa para identificar a ocupação dos usuários do Twitter durante os protestos no Egito, Lotan (2011) fez um mapeamento dos tipos de atores que participaram da conversa política utilizando as hashtags #25jan e #egypt. Os usuários que mais utilizaram essas hashtags foram blogueiros, jornalistas, ativistas e os chamados “bots”, contas de serviços automáticos. Organizações e movimentos tradicionais já existentes também atuaram online em prol dos levantes. Um exemplo, apontado por Peron (2016), é a Irmandade Muçulmana, um dos maiores opositores do regime de Mubarak. O site oficial da organização, de acordo com a autora, teria tido um papel importante durante os protestos, oferecendo conteúdo em árabe e inglês. Howard e Hussain (2013, p.3) sugerem que os primeiros meses das manifestações tanto no Egito quanto na Tunísia não foram apoiados apenas pelos atores políticos tradicionais, como sindicatos, partidos ou grupos religiosos. Os protestos teriam criado redes de pessoas, muitas delas sem um histórico prévio de ativismo, como jovens empreendedores, funcionários públicos, grupos de mulheres e a classe média urbana.

Para concluir, parte da literatura sobre os protestos de 2003 aponta para um protagonismo dos movimentos sociais, que se organizaram de forma transnacional em fóruns presenciais e também online. Em relação ao Egito, encontra-se casos de ativistas individuais que alcançaram enorme visibilidade na web para divulgar a causa e informações sobre protestos. Nos dois casos, os trabalhos revisados apontam para um perfil parecido, o predomínio de ativistas de classe média, muitos sem um histórico de engajamento político.

---

<sup>8</sup> Sobre o papel de Ghonim, ver Arab spring: Google's Wael Ghonim on the fall of Mubarak. The Guardian, 18 maio 2011. Disponível em: <https://goo.gl/3lhtS7>; Ativistas da Primavera Árabe são favoritos ao Nobel da Paz. Veja.com, 6 out. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/7lcyUH>;

<sup>9</sup> Na palestra Vamos projetar mídias sociais que levem a mudanças reais, realizada no evento Ted Global em 15 de dezembro, Genebra. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/wael\\_ghonim\\_let\\_s\\_design\\_social\\_media\\_that\\_drives\\_real\\_change?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/wael_ghonim_let_s_design_social_media_that_drives_real_change?language=pt-br). Acesso em: 12 jul. 2019.

<sup>10</sup> Sexo feminino se destaca nas redes sociais, Folha de S. Paulo, 19 mar. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/3bSfCU>; Prêmio Nobel reconhece papel das mulheres na revolução, 08 out. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/F5ELsk>.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2ke9ITM>. Acesso em: 14 ago. 2019.

## Os protestos e a internet: do e-mail às redes sociais

Esta seção faz um apanhado dos possíveis papéis das mídias digitais nos dois casos, incluindo a forma como foram usadas para divulgação da causa, mobilização, convocação de protestos e produção de conteúdo. Sobre os protestos no Egito, que apresentam uma quantidade maior de pesquisas empíricas, serão exibidos dados sobre a penetração da internet nesses países, indicando que as redes sociais talvez tenham tido um alcance menor do que o estimado.

Quanto à mobilização para o 15 de fevereiro, Vehrlust (2003 p. 13) acredita que foi possível graças a dois mecanismos interligados: a dinâmica presencial dos fóruns sociais, que na época eram anuais, e a comunicação eletrônica. Nota-se que são citados praticamente apenas listas de e-mail e sites. Assim, a lista de e-mail das organizações possibilitava a comunicação entre os encontros presenciais nos fóruns sociais, como o de Florença em 2002 e o de Porto Alegre, em 2003 (VERHLUST 2010, p.13). Por mais que hoje possa parecer algo sem importância, na época tal ferramenta parece ter sido o que possibilitou a combinação de um dia internacional de protestos com os mesmos slogans e cartazes (TARROW; McADAM, 2005; BENNETT, 2010).

Simonson (2003) destaca o papel do site MoveOn.<sup>12</sup> A plataforma, que disponibiliza links para assinatura de petições, permite doações e o lançamento de campanhas de *crowdfunding*, contava na época com mais de 750 mil membros só nos Estados Unidos. O site teria se tornado uma das organizações mais conhecidas do movimento anti-guerra. Para Wes Boyd, o fundador da plataforma, a MoveOn foi pensada para conectar aqueles que não apoiam a guerra, mas que nem sempre sentiam-se confortáveis de mostrar sua posição indo para a ruas. John Rees, um dos principais coordenadores da *Stop the war coalition*, teria dito que grande parte da organização do 15 de fevereiro foi feita por e-mail, mensagens de texto por celular e um material gráfico feito por designers profissionais (SIMONSON, 2003 p.7-12).

Já nos protestos do Egito, o exemplo mais emblemático da articulação online talvez tenha sido a página no Facebook “Somos Todos Khaled Said”, criada pelo executivo do Google, Wael Ghonim, em 2010 (HOWARD; HUSSAIN, 2013; PAVLIK, 2011). Feita primeiro em árabe e depois em inglês, tratava-se de uma página de protesto pela morte de um jovem egípcio espancado pela polícia por ter divulgado um vídeo denunciando corrupção policial.<sup>13</sup> O assassinato do jovem e a criação da página foram apontados não só como o estopim para o início dos protestos no país, mas também como um marco para o uso das mídias sociais na configuração dessa causa. De acordo com alguns autores, páginas como essa foram elementos que ajudaram na articulação e fomento dos protestos nos países árabes (CASTELLS, 2013; PAVLIK, 2011, GHONIM, 2012, PERON, 2016).

Mason (2012) lista as funcionalidades do que chamou de conjunto completo das ferramentas de informação utilizadas pelos ativistas. O Facebook teria sido usado para formar grupos e estabelecer conexões, o Twitter teria tido a função principal de difundir notícias em tempo real e informações sobre a logística dos protestos de rua. O Youtube e sites voltados para fotografia, como o Instagram, Flickr ou Twitpic teriam tido a função de mostrar os protestos em curso, assim como a de denunciar a repressão. Gerbaudo (2012 p.3) aponta para o intenso uso do Twitter como forma de levar as pessoas para as ruas, uma vez que os protestos no Egito tinham como característica a ocupação física do espaço público. Uma outra linha de raciocínio argumenta que a repressão dos regimes leva naturalmente às mídias sociais, por se tratar de um espaço de expressão e pouco controle. Dentro dessa perspectiva, a popularidade de tais mídias teria sido impulsionada pela repressão nos outros meios de comunicação (HOWARD; HUSSAIN, 2013; COTTLE, 2011). Outro papel atribuído às mídias digitais diz respeito à produção de conteúdo próprio.

---

<sup>12</sup> <https://front.moveon.org/>

<sup>13</sup> “Movement Began With Outrage and a Facebook Page That Gave It an Outlet,” says Jennifer Preston. The New York Times, 05 fev. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/ogx0Q>.

Castells (2013) acredita que os vídeos mostrando a violência da polícia em relação aos manifestantes podem ter contribuído para a mobilização contra Mubarak.

Um fator que precisa ser levado em conta na análise do papel das redes sociais nos protestos do Egito é a questão do acesso à internet e a penetração dessas mídias no país. Em 2011, somente 25% das casas egípcias tinham internet, apenas 4% dos egípcios adultos tinham uma conta no Facebook e 0,15% eram membros do Twitter (DUBAI SCHOOL OF GOVERNMENT, 2011a). O estudo também concluiu que a comunicação no Twitter é praticamente toda feita por alguns usuários de “elite”. Desse modo, do total de usuários, apenas uma minoria seria realmente ativa na produção de conteúdo e a maioria estaria utilizando o Twitter como um feed de notícias (DUBAI SCHOOL OF GOVERNMENT, 2011b, p.15). Uma explicação possível para a baixa penetração dessa mídia social no país apontada por Wilson e Dunn (2011 p. 1248) seria que diferentemente do Facebook, o Twitter não contava na época com uma interface em árabe.

Apesar do pouco uso do Twitter em relação ao Facebook foi encontrada uma grande quantidade de estudos que analisam essa mídia (HOWARD, 2011; HOWARD; HUSSAIN, 2013; LOTAN, 2011; DUNN; WILSON 2011). A razão provável é o fato do Twitter ser completamente público. Dada a baixa penetração da internet e, conseqüentemente, das redes sociais no país, muitos argumentam que o papel dessas mídias pode não ter sido central (HOWARD; HUSSAIN, 2013; BEISSINGER et al., 2015), embora admitam que tiveram conseqüências, como uma mudança no tipo de utilização, de puro entretenimento para o uso político (DUBAI SCHOOL OF GOVERNMENT, 2011a).

Para concluir, nos dois episódios do ativismo transnacional estudados observa-se um papel de destaque das mídias digitais, evidentemente, levando-se em conta os diferentes estágios da tecnologia nos dois momentos. Se no final dos anos 1990, o ativismo internacional se centrava muito em listas de e-mail, sites e blogs, no caso dos protestos no Egito, relatórios e pesquisas empíricas apresentam conversas nas redes sociais e conteúdo diversificado para chamar a atenção para a causa, apoiar as mobilização na rua e, como veremos a seguir, se espalhar por países vizinhos e distantes. A baixa penetração da internet na época no país, entretanto, não pode ser ignorada.

## O caráter transnacional dos protestos

Esta seção reúne as características transnacionais dos dois casos. Sobre os protestos contra a guerra do Iraque, abordaremos a coordenação internacional e a comunicação entre organizações. Também se discute a importância do contexto interno para protestos transnacionais, assim como a ideia de uma opinião pública transnacional. No caso dos protestos no Egito, são apresentadas pesquisas empíricas em redes sociais que mostram uma conversa transnacional sobre os acontecimentos no Egito.

Os protestos de 15 de Fevereiro foram concebidos já com a ideia de se tornar um evento transnacional. Pode ser justamente a coordenação internacional que o distingue de outras formas de ação simultânea (VERHLUST 2010 p. 15). Desde os ataques de 11 de setembro de 2001, movimentos contra a Guerra ao Iraque vinham se intensificando, seja na forma de vigílias pela paz, petições pela internet, propagandas anti-guerra, palestras, teatro de rua ou outras manifestações culturais (SIMONSON, 2003). Entre 23 e 27 de janeiro de 2003, o chamado para um protesto internacional contra a guerra foi reforçado no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, onde foi realizado um *workshop* dedicado exclusivamente ao planejamento dos protestos de 15 de Fevereiro, com a presença da ANSWER, a mesma rede responsável pela organização dos protestos nos EUA (VERHLUST, 2010 p. 12).

Ser um movimento transnacional não quer dizer que em todos os lugares ocorra da mesma forma. Uma das principais conclusões de Walgrave e Rucht (2010) foi que embora os protestos nos países estudados tivessem sido semelhantes quanto a ação, slogans, cartazes e atmosfera pacífica, apresentaram especificidades próprias. Percebe-se, por exemplo, que nos países cujos governos se posicionaram a favor da guerra, como Estados Unidos, Inglaterra, Itália e Espanha, ocorreram as maiores manifestações.

Alguns trabalhos sobre o período ressaltam que os protestos de 15 de Fevereiro, e todo o movimento maior contra a guerra, evidenciaram o surgimento de uma sociedade civil mundial (PEREIRA, 2003; TYLER, 2003). Alguns dias depois das manifestações, Tyler (2003) referiu-se ao ato simultâneo como a expressão de uma nova potência. De acordo com ele, desde 15 de fevereiro de 2003 haveria “duas potências no planeta: os Estados Unidos e uma opinião pública mundial”. Em uma entrevista, Habermas (2003) defendeu que os protestos de 15 de Fevereiro na Europa significaram o nascimento de uma opinião pública europeia (HABERMAS, 2006, p. 40). O entrevistador, Albrecht von Lucke<sup>14</sup> faz a seguinte pergunta a Habermas<sup>15</sup>:

Quando você se refere às manifestações de 15 de fevereiro como o nascimento de uma nova esfera pública europeia, você está referindo-se a Londres, Roma, Madri, Barcelona, Berlim e Paris. No entanto, os protestos, que se estenderam também de Jacarta a Washington seriam algo maior? Não teriam sido um manifesto de um novo público global?<sup>16</sup> (HABERMAS 2006 p. 55-56).

Habermas responde:

Suspeito que as razões e os motivos para os protestos no Ocidente e no Oriente (islâmico), não eram os mesmos. Além disso, um público global intermitente – um que ocasionalmente centra-se em temas específicos – tem emergido repetidas vezes desde a Guerra do Vietnã, principalmente, o que é interessante, em resposta a massacres e guerras. As pessoas através das fronteiras culturais parecem concordar mais facilmente em sua raiva espontânea diante de grandes violações aos direitos humanos. No entanto, nem todos os horrores geram uma mesma atenção, o que se pode perceber com Ruanda ou o Congo (HABERMAS, 2006 p. 55-56).

Já na literatura selecionada para o caso do Egito quanto ao caráter transnacional percebe-se que o Twitter foi a mídia social mais associada a uma comunicação internacional (WILSON; DUNN, 2011; HOWARD et al, 2011; PERON, 2016). Wilson e Dunn (2011 p. 1248) recolheram dados do Twitter entre 21 de janeiro a 11 de fevereiro, dia da renúncia de Mubarak, utilizando a hashtag #jan25, o dia do maior protesto no Cairo. O trabalho sugere que grande parte desses *tweets* foram enviados de fora do país. Considerando apenas os *tweets* em inglês, a pesquisa concluiu que apenas 35% das contas eram do Egito. Como se pode ver na FIGURA 2, dos 65% restantes, a maioria das contas vinha de países ocidentais e uma minoria de outros países do Oriente-Médio e Norte da África (DUNN; WILSON 2011, p.1250).

Figura 9 – Distribuição Geográfica Dos Usuários Mais Ativos Do Twitter (#25jan)<sup>17</sup>

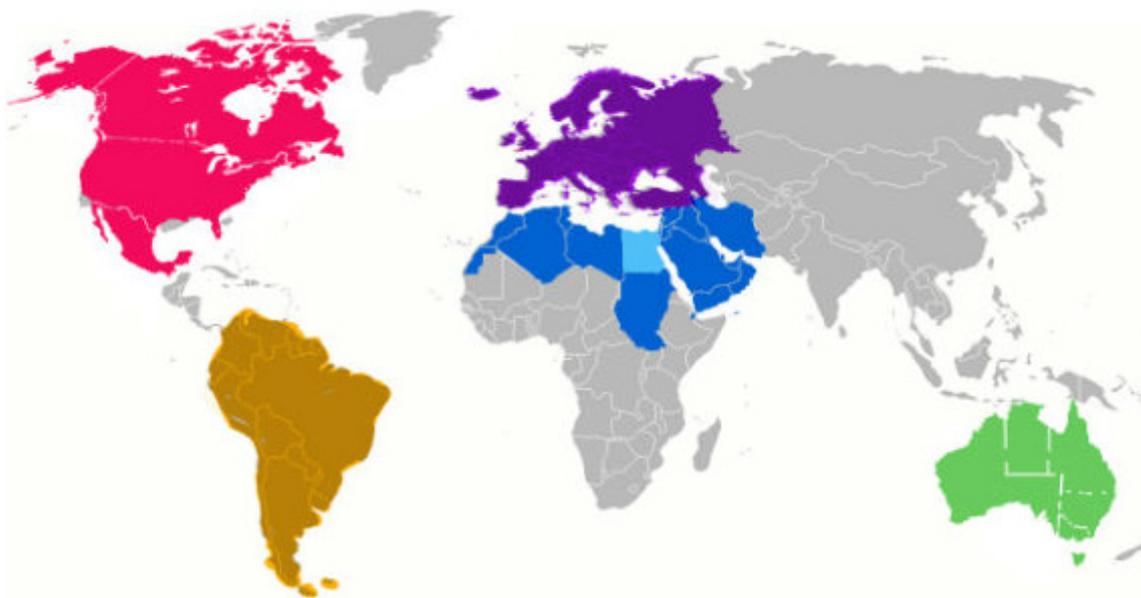
---

<sup>14</sup> A entrevista conduzida por Albrecht von Lucke com Habermas e Derida, foi publicada no Journal Blätter für deutsche und internationale Politik, em 2003 e em HABERMAS, 2006.

<sup>15</sup> Tradução livre tanto para a pergunta quanto para a resposta.

<sup>16</sup>

<sup>17</sup> Cabe uma observação: MENA é a categorização do Banco Mundial para países do Oriente Médio e Norte da África.



Fonte: DUNN e WILSON (2011)

A ideia mais comum sobre a Primavera Árabe – e inclusive o que lhe confere um nome – seria o efeito em cascata dos protestos dentro da região. Howard (2011) aponta para uma “viralização dos valores democráticos” pelas redes, o que teria ajudado a espalhar as reivindicações pelos países árabes a partir da renúncia de Ben Ali na Tunísia.

Certamente, a mídia também tem um papel transnacional no que diz respeito à difusão de notícias. A Al Jazeera costuma ser apontada como um ator importante, inclusive, como fonte para outras organizações como *The New York Times*, *BBC*, *Huffington Post* e *Reuters* (HOWARD; HUSSAIN, 2013; PERON, 2016). A cobertura da Al Jazeera foi considerada marcadamente contrária ao governo de Mubarak, tendo inclusive sido retirada do ar em 30 de janeiro de 2011 com a justificativa de parcialidade (RAMADAN, 2012). Analisando os blogs políticos no Egito, Howard (2011) concluiu que nenhum dos sites mapeados continham links para fontes de notícia regionais, como *Al Jazeera* e *Al Arabya*, e sim apenas para fontes internacionais, como *BBC*, *CNN* e *The New York Times* (HOWARD, 2011, p. 4). Uma explicação possível, segundo Howard (2011) é que essas fontes contariam com mais credibilidade para os usuários de fora da região.

Desse modo, uma linha da literatura argumenta que o ativismo transnacional contemporâneo, em grande medida devido às mídias digitais, favorece o surgimento de uma opinião pública transnacional e a internacionalização de causas. No caso do Egito, é preciso levar em conta que as pesquisas só consideravam posts e hashtags em inglês, o que certamente reduz a quantidade de participantes. Desse modo, há evidências de comunicação transnacional pelas redes sociais, mas os números devem ser relativizados em relação ao percentual da população que as utilizou.

## Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo principal identificar a atuação de ativistas transnacionais por meio da comunicação digital. A escolha dos casos em períodos diferentes, os protestos contra a Guerra ao Iraque, em 2003, e o Levante Egípcio, em 2011, no contexto da Primavera Árabe, permitiu traçar o desenvolvimento das mídias digitais para o ativismo.

Foi feita uma breve revisão de literatura sobre as possibilidades das mídias digitais para o ativismo transnacional e os chamados contrapúblicos. Na segunda seção foi apresentada a metodologia assim como uma breve contextualização dos dois episódios. Na terceira, fez-se a discussão com o material coletado sobre as três questões de pesquisa: os principais atores a frente das mobilizações; 2) o que torna esses movimentos transnacionais; 3) a utilização das mídias digitais.

Os protestos de 15 de fevereiro de 2003 chamam atenção pelo objetivo de se criar um movimento transnacional desde o início, o que foi alcançado devido à articulação entre movimentos sociais de países diferentes, com uma combinação de mídias digitais e encontros físicos. A iminência de uma Guerra contra o Iraque teria sido tratada como uma questão global, cujos efeitos poderiam ter implicações para países diferentes, sejam violações aos direitos humanos no Iraque, gastos excessivos para os Estados Unidos ou. Sendo assim, teria havido uma mobilização transnacional para tentar impedi-la.

Na época, início dos anos 2000, apesar da internet já ter sido implementada, as redes sociais ainda estariam em um estágio inicial. A comunicação digital, entretanto, por meio de e-mail, celulares, sites, blogs e páginas de *crowdsourcing* teria sido fundamental, se não decisiva, para a organização dos protestos. Quanto a atores, percebe-se um claro protagonismo dos movimentos sociais, principalmente, anti-guerra que vinha se formando desde os ataques do 11 setembro nos Estados Unidos.

Já no caso da mobilização no Egito, nota-se uma forte presença de indivíduos sem organização por trás, apesar dos movimentos sociais e também as mídias locais terem sido apontados como atores indispensáveis. Um público identificado foi o de jovens universitários ou já diplomados, em sua maioria de classe média, alguns agindo nas redes sociais por conta própria. Uma característica transnacional constantemente associada aos eventos no Egito seria o efeito em cascata dos protestos pela região, o que pode ser deduzido, porém não comprovado. Também há uma quantidade significativa de estudos já feitos no Twitter, a partir da ferramenta de geolocalização e indexação por hashtags, que indicam a existência de uma conversa transnacional sobre a situação política do país. Como na época o Twitter não contava com uma interface em árabe, uma conclusão possível é que essa mídia social acabou sendo mais utilizada por um público de fora do país, enquanto os egípcios utilizavam o Facebook.

Esta pesquisa é um breve levantamento sobre o ativismo transnacional e apresenta uma visão dentre as muitas possíveis. Apesar de ter gerado um gama de novas questões que precisarão ser abordadas futuramente, é possível tecer algumas conclusões: 1) As mídias sociais parecem ter viabilizado um ativismo individual. Se no caso dos protestos contra a Guerra do Iraque a organização partiu principalmente de movimentos sociais, no caso do Egito, quando já há Facebook e Twitter, nota-se uma influência forte de indivíduos sem organização que utilizam as mídias digitais para mostrar descontentamento ou divulgar manifestações; 2) percebe-se na literatura revisada dos dois casos uma predominância de indivíduos de classe média e alta escolaridade; 3) conclui-se também que para se pensar o papel das mídias sociais no ativismo é preciso levar em conta seus índices de penetração, uma vez que parecem indicar que o acesso não é de todos; 4) conclui-se ainda que apesar de não ser possível medir efeitos políticos causados diretamente pelas mídias sociais, há uma série de outros efeitos indiretos, como a produção de conteúdo próprio, a diversidade de causas, coordenação mais descentralizada ou a possibilidade de não precisar mais de um espaço físico; 5) É certo que no caso dos protestos do Egito e da Primavera Árabe, em geral, as mídias sociais tiveram um papel importante para formar um público em torno da questão, divulgar conteúdos e informações, mas é preciso ter em mente que a quantidade de pessoas que usaram as mídias sociais para protestar de alguma

forma corresponde a uma parcela muito pequena da população.

Este estudo esbarrou em alguns limitadores. Além dos poucos trabalhos sobre ativismo encontrados em português, a grande maioria da bibliografia utilizada foi produzida por pesquisadores da Europa e Estados Unidos, o que certamente confere um olhar específico sobre o ativismo e os casos estudados. Além disso, trata-se de uma pequena amostra da literatura sobre um tema, bastante vasta e complexa.

## Referências

AVRITZER, Leonardo.; COSTA, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 4, 2004, p.703-72.

BARKHAM, Patrick. Iraq war 10 years on: mass protest that defined a generation. **The Guardian**. 15 fev. 2013. <https://www.theguardian.com/world/2013/feb/15/iraq-war-mass-protest>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BEISSINGER, Mark. R; JAMAL, Amaney; MAZUR, Kevin. Explaining Divergent Revolutionary Coalitions: Regime Strategies and the Structuring of Participation in the Tunisian and Egyptian Revolutions". **Comparative Politics**, v.48, n.1, p. 1-24, 2015.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 10, n. 2, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2mwYpmX>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BENNETT, Lance. Social Movements beyond Borders: Organization, Communication, and Political Capacity. *In*: Della Porta, Donatella.; TARROW, Sidney (European University Institute, Florence; Cornell University.). **Two eras of transnational activism**. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Kindle Edition, 2005.

BENNETT, Lance; GIVENS, Terri; BREUNIG, Christian. Crossing Political Divides: Communication, Political Identification, and Protest Organization. *In*: WALGRAVE, Stefaan; RUCHT, Dieter (Orgs.). **The world says no to war**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

BENNETT, Lance; SERGERBERG, Alexandra. Social Media and the Organization of Collective Action: Using Twitter to Explore the Ecologies of Two Climate Change Protests. **The Communication Review**, vol. 14, n. 3, 2011

CASTELLS, Manuel. The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks, and Global Governance. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, 2008.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COTTLE, S. Media and the Arab uprisings of 2011: Research notes. **Journalism**, v. 12, n. 5, p. 647-659, 2011.

COULDRY, N. **Why voice matters**. Sage Publications, London 2010.

DAHLBERG, Lincoln. Re-constructing digital democracy: An outline of four 'positions'. **New Media & Society**, v. 13, n. 855, 2011. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444810389569>. Acesso em 14 ago. 2019.

DERRIDA, Jacques; HABERMAS, Jürgen. Core Europe as Counterpower? Follow-up Questions. *In*: HABERMAS, Jürgen. (Org.). **The Divided West**. Cambridge, UK: Wiley, Kindle Edition, 2006.

DELLA PORTA, Donatella; TARROW, Sidney. **Transnational Protest and Global Activism**. Lanham, Maryland: Rowman e Littlefield, 2005.

DUARTE, Jorge. Estudo de caso. *In*: BASTOS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

DUBAI SCHOOL OF GOVERNMENT. Facebook Usage: Factors and Analysis. **Arab Social Medi Report**, v. 1 n. 1, 2011a. Disponível em: <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/dsg/unpan044212.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.

DUBAI SCHOOL OF GOVERNMENT. Civil Movements: The Impact of Facebook and Twitter. **Arab Social Media Report**, v. 1, n. 2, 2011b. Disponível em: <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/dsg/unpan050860.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2019.

FARRELL, Henry. The Consequences of the Internet for Politics. **Annual Review of Political Science**, v.15, p. 35–52, 2012.

FRASER, Nancy. Transnationalizing the Public Sphere: On the Legitimacy and Efficacy of Public Opinion in a Post-Westphalian World. **Theory, Culture and Society**, v. 24, 2007.

GERBAUDO, Paolo. **Tweets and the Streets: Social Media and Contemporary Activism**. London: Pluto press, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292008000300001>. Acesso em: 13 ago. 2019.

GHONIM, Wael. **Revolution 2.0: The power of people is greater than people's on power**. Boston, Massachusetts: Houghton Mifflin Harcourt, 2012.

HABERMAS, Jürgen; DERRIDA, Jacques. February 15, or what binds Europeans. In: HABERMAS, Jürgen (Org.). **The Divided West**. Manchester, UK: Wiley, Kindle Edition, 2006.

HALUPKA, Max. The rise of information activism: how to bridge dualisms and reconceptualise political participation. **Information, Communication & Society**, 10 jan. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.111987>. Acesso em: 17 ago. 2019.

HOWARD, Philip et al. Opening Closed Regimes: What Was the Role of Social Media During the Arab Spring? **Project of Information Technology and Political Islam**. University of Washington, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/1Lf5hOL>. Acesso em: 15 ago. 2019.

HOWARD Philip; HUSSAIN, Muzammil. **Democracy's Fourth Wave? Digital Media and the Arab Spring**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LOTAN, Gilad et al. The Revolutions Were Tweeted: Information Flows During the 2011. Tunisian and Egyptian Revolutions. **International Journal of Communication**, 2011.

MARICHAL, Jose. Political Facebook groups: Micro-activism and the digital front stage. **First Monday Journal**, v. 18, n. 12, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2lAcXVB>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MASON, Paul. **Why it's Kiking off everywhere: The new global revolutions**. London, 2012

MOROZOV, Evgeny. **The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom**. New York: PublicAffairs, 2011.

NORRIS, Pippa. **Digital Divide: Civic Engagement, Information Poverty, and the Internet Worldwide**. New York: Cambridge University Press, 2001.

MOROZOV, Evgeny. **The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom**. New York: PublicAffairs, 2011.

PAPACHARISSI, Zizi. The Virtual Sphere: The Internet as a Public Sphere. In: CHADIWICK, Andrew; HOWARD, Philip. **Handbook of Internet Politics**. London: Routledge, 2009.

PAVLIK, John V. A tecnologia digital e o jornalismo: As implicações para a Democracia. **Brazilian Journalism Research**, v. 7, n. 2, 2011. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/340/314>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PEREIRA, Bresser. **O Gigante fora do Tempo: A Guerra do Iraque e o sistema global**. Revista Política Externa, v. 12, n 1, 43-62, jun. 2003.

PERON, Vivian. Os efeitos da comunicação digital na dinâmica do ativismo transnacional contemporâneo: um estudo sobre a Al Qaeda, o Wickileaks e a Primavera árabe. **Dissertação de doutorado**, Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2kqsZBd>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PRUDÊNCIO, Kelly; KLEINA, Nilton. Não vai ter Copa: Enquadramentos da mobilização no Facebook contemporânea | **Revista de Comunicação e Cultura**, v. 15, n. 2, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2k0vURa>. Acesso em 12 ago. 2014.

RAMADAN, Tariq. **The arab awakening: Islam and the new Middle East**. New York: Penguin Group, 2012.

SIMONSON, Karin. The Anti-War Movement: Waging Peace on the Brink of War. **Programme on NGOs and Civil Society**, Centre for Applied Studies in International Negotiation, Geneva, mar. 2010. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/20302/03.2003.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

TARROW, Sidney. **The New Transnational Activism**. Cambridge University Press, 2005.

TARROW, Sidney; MCADAM, Doug. Scale Shift in Transnational Contention. In: TARROW, Sidney; DELLA PORTA, Donatella. **Transnational Protest and Global Activism: People, Passions, and Power**. Social Movements, Interest Organizations. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Kindle Edition, 2005.

TYLER, Patrick E. Threats and Responses: News Analysis: *A New Power In the Streets*. The **New York Times**, 17 fev. 2003. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2003/02/17/world/threats-and-responses-news-analysis-a-new-power-in-the-streets.html>. Acesso em: 14 ago. 2019.

VERHLUST; Joris; WALGRAVE, Stefaan. Politics, Public Opinion, and the Media: The Issues and Context Behind the Demonstrations. In: WALGRAVE, Stefaan; RUCHT, Dieter (Orgs.). **The world says no to war**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

WALGRAVE, Stefaan; RUCHT, Dieter. Introduction. In: WALGRAVE, Stefaan; RUCHT, Dieter (Orgs.). **The world says no to war**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

WALL, Melissa; ZAHED, Sahar El. I'll Be Waiting for You Guys: A YouTube Call to Action in the Egyptian Revolution. **International Journal of Communication**, v. 5, 2011.

WILSON, Christopher; DUNN, Alexandra. Digital Media in the Egyptian Revolution: Descriptive Analysis from the Tahrir Data Sets. **International Journal of Communication**, v. 5, 2011. Disponível em: <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1180>. Acesso em: 14 ago. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

---

Vivian Mannheimer é doutoranda no PPGCOM/PUC-Rio e membro do COMP, Grupo de Comunicação e Política da PUC-Rio. No presente artigo, contribuiu com o desenvolvimento da metodologia, fundamentação teórica, empiria e redação.

Arthur Ituassu é professor Adjunto do PPGCOM/PUC-Rio, ituassu@puc-rio.br. Pesquisador associado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD). No presente artigo, contribuiu com o desenvolvimento da metodologia, fundamentação teórica e revisão.

Leticia Capone é doutoranda no PPGCOM/PUC-Rio e membro do COMP, Grupo de Comunicação e Política da PUC-Rio. No presente artigo, contribuiu com o desenvolvimento da fundamentação teórica e revisão.